

Japão prevê "desastre" se Plano Brady falhar

F. GUALBERTO



Tóquio — O Plano Brady de redução do peso da dívida deve ser aplicado se possível a partir do meio do ano para evitar o "desastre" que significaria uma interrupção do pagamento dos juros pelos principais países devedores, disse o vice-presidente do Banco Industrial do Japão, Yoh Kurosawa.

Mas um alto funcionário do Ministério de Finanças do Japão assinalou que a transformação da proposta do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, em um instrumento de trabalho efetivo será complexa e exigirá tempo.

"Se o Plano Brady não se materializar, será um desastre", afirmou Kurosawa ao Clube de Correspondentes Estrangeiros, acrescentando: "Agora que as autoridades indicaram que deve haver uma redução do peso da dívida, ninguém vai pagar enquanto não tiver sido determinado o nível dessa redução".

Enquanto isso, o alto funcionário nipônico, que pediu para conservar o anonimato, explicou que atualmente o esquema está sendo afinado para torná-lo "realista e aplicável".

As atuais negociações entre os principais países industrializa-

dos, as nações endividadas, os bancos credores e as instituições financeiras internacionais se intensificarão na próxima semana em Washington, por ocasião das o trabalho será técnico e às vezes politicamente difícil, exigindo tempo, acrescentou o mesmo funcionário.

"O problema é saber com que rapidez poderemos efetuar a primeira aplicação (do Plano Brady) com o México. Não podemos esperar pelo fim do ano. O Plano deve se materializar nos próximos meses", declarou Kurosawa.

O desconto, estimou Kurosawa, deveria situar-se entre os 50 por cento desejados pelo governo mexicano e os 30 por cento considerados razoáveis pelos bancos, provavelmente em torno de 40 por cento. As quantias mobilizadas deverão aproximar-se dos 30 bilhões de dólares, dos quais 10 bilhões para a garantia do pagamento dos juros.

Assinalou que o Produto Nacional Bruto (PNB) dos principais países devedores parou e até baiou, como no caso do México, já que o serviço da dívida absorveu todas as entradas por exportação e agora "a crise econômica está

se transformando em crise política".

"O caminho está mais claro" para o México em suas tentativas para renegociar sua volumosa dívida externa, afirmou o secretário da Fazenda, Pedro Aspe, mas empresários e trabalhadores advertiram que não poderão suportar mais sacrifícios.

"O caminho está agora mais claro e as possibilidades mais bem definidas, as autoridades mexicanas continuarão seu trabalho de exploração, concretização e negociação de forma permanente, até culminar com uma negociação satisfatória", expressou um comunicado sobre o boletim de Aspe ao presidente Carlos Salinas de Gortari indicando os resultados da viagem pelos Estados Unidos, Japão, Holanda e França em busca de renegociar a dívida que atinge 107,4 bilhões de dólares.

O boletim de Aspe coincidiu com declarações do presidente da Confederação de Câmaras Industriais, Luis Cordero da Garcia, que advertiu que a indústria mexicana "já não suportará outro período de seis anos de sacrifício, nem os mexicanos resistirão a uma economia que se mantenha enferma".